

# JOSÉ BONIFÁCIO

(30 MINUTOS EM RITMO LENTO -  
TREINO DE RESISTÊNCIA)

## DICAS DE ESTUDO

- ⇒ Primeiro treine, de modo repetitivo, as palavras da lista abaixo. Desta forma:
- ⇒ mineralogista 
- ⇒ Treine-as durante vários dias.
- ⇒ Faça uma cópia do texto, taquigrafando cada dia uma parte. Por exemplo, no primeiro dia, taquigrafar de modo lento, procurando a perfeição dos sinais, o trecho que vai de “Homem de ciência” até “antes de crítica e de julgamento”. No segundo dia, taquigrafar o trecho que vai de “As leituras dos dias de moço” até “assentou praça de mineiro”. E assim por diante.
- ⇒ Taquigrafar, em dias diferentes (ou seja, várias vezes), o ditado de 30 minutos, procurando manter o relaxamento da mão, do braço, de todo o corpo.

mineral <u>logista</u> 	administrador ( <b>taq.</b> ) 	especial <u>izados</u> 
temperam <u>ento</u> 	realiz <u>ação</u> 	influênc <u>ias</u> 
deslumbram <u>ento</u> 	perdurá <u>veis</u> 	próprias ( <b>taq.</b> ) 
apuraram-lhe 	denunciando-lhe 	infelizes 
desempenho 	metalurgia ( <b>taq.</b> ) 	oportunismo 
empirismo 	desfigurou-o 	demonstração ( <b>taq.</b> ) 
representação ( <b>taq.</b> ) 	contemporâneos 	representar ( <b>taq.</b> ) 
patriotas 	estét <u>ica</u> 	elaborando 
químico 	pensad <u>or</u> 	descobertas 

circunstâncias <b>(taq.)</b> ⊕	adivinha }	amadurecido }
descobertas } ⊕	natureza }	investiga <u>ções</u> }
epígrafe }	conforma <u>ção</u> / 1..	caracterizar <b>(taq.)</b> ✗
intendente - } -	dedicar-se }	prepara <u>tórios</u> } —
apreciando-o }	enorme <u>mente</u> ✗	significação <b>(taq.)</b> ✗
escrava <u>tura</u> ✓ \ —	exterioridades <b>(taq.)</b> ○,	monarquismo ✗
impressionados }	penetrante ✓	<u>instrumento</u> ✓
botânico ✓	destacar } 7	mineral <u>ógicas</u> ✓
cercaram }	moci <u>dade</u> }	desordenada <u>mente</u> }
deixaram-lhe }	racional <u>idade</u> ✗ ○	experimental } 6
memó <u>rias</u> \ .	curiosi <u>dade</u> }	confundia-se / 12.
funcionar	<u>atividade</u> = ,	independência <b>(taq.)</b> } 4
concedendo-lhe } 32	impressionou-se }	participação <b>(taq.)</b> } 6
aponta <u>mentos</u> } 2	subordinou }	ortopédico } 3
preg <u>ões</u> }	desagrega <u>ção</u> }	encabeçar / 4
estadista - } -	essencial } 6	anota <u>ções</u> ✓
favoreceram }	receber-lhe }	ju <u>lgamento</u> ✗
vestígios \ }	derivados }	cientí <u>fica</u> } 6

academia	especulativa	empreender
estudioso	favoravelmente	historiadores
acontecimentos	enfeixam	civilização
figurinos	consolidar	liberalismo
províncias	centralizador	dissociadora
considerações	recusando	possuí-la
contemporâneas	repartições	repercussões
proclamação	decantadas	clamavam
acreditava	representativo (taq.)	impressionadas
enfrentar	assimiladas	fortalecido
mineralógica	expedição	itinerantes
vergonhoso	usurpamos	adstrito
imediatistas	deprimente	ostentá-la
categoria	construía	emancipador
animaram	declarava	revolucionários (taq.)
resolvessem	propriedade	preferência (taq.)
testemunho	esposara	compensam
território	caiapós	Guarapuavas

desgraçados	asseverou	improvis <u>ada</u>
rejeitando	comparadamente	aparelha <u>mento</u>
desenvolvera ( <b>taq.</b> )	separatista	liber <u>dade</u>
ardentes	incontest <u>avelmente</u>	estabelecesse ( <b>taq.</b> )
alter <u>ações</u>	escravidão	emancipa <u>ção</u>
contempla <u>ção</u>	desvar <u>ios</u>	escravocrata
marg <u>ens</u>	ajunte <u>mos</u>	horr <u>ível</u>
monarquia	simplici <u>dade</u>	ridículo
sucessos	indispensá <u>veis</u>	revoga <u>ção</u>
culminou	liber <u>dades</u>	patriotas
despotismo	estrut <u>ura</u>	dirigentes
convenceu	madureza	espetáculo
porvent <u>ura</u>	preparava-se	mineral <u>logistas</u>
trá <u>fico</u>	<i>disjecti membra</i>	<i>Rousseau</i>
<i>Voltaire</i>	<i>Montesquieu</i>	<i>Descartes</i>
<i>Locke</i>	<i>Leibnitz</i>	<i>Freiberg</i>

*Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

*o - l - s - a - - - 6*

Homem de ciência, mineralogista, químico, botânico; homem público, estadista, administrador; parlamentar; homem de letras, poeta, pensador, crítico — José Bonifácio não escreveu uma obra coerente, dessas de que é possível, sem maior esforço, extrair e destacar o essencial. O que deixou — sem falar, é claro, nos seus trabalhos especializados de cientista, nas suas pesquisas e descobertas mineralógicas — são antes esboços, anotações, projetos. E a explicação está em que, além de certa feição pessoal de temperamento inquieto, as circunstâncias que lhe cercaram a vida não favoreceram a realização da obra que pretendeu escrever. Mas nesses elementos esparsos, *disjecti membra*, logo se adivinha o pensamento mais alto e mais lúcido dentre os brasileiros do seu tempo.

Tendo nascido em 1763 e morrido em 1838, José Bonifácio dividiu quase igualmente os anos de sua vida entre os séculos XVIII e XIX, em plena mocidade no primeiro para receber-lhe mais vivamente as influências, já com o espírito amadurecido no segundo para tomar uma posição antes de crítica e de julgamento.

As leituras dos dias de moço — Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Descartes, Locke, Leibnitz e muitos outros, citados desordenadamente em escritos seus dessa época — feitas com o deslumbramento das grandes descobertas, deixaram-lhe vestígios perduráveis; o amor da natureza, a crença na racionalidade de suas leis, a noção dos direitos naturais derivados de necessidades próprias da condição humana; o que não o impediu de adotar uma atitude cética no tocante à bondade natural do homem, e de repetir o dualismo rousseauiano — natureza e cultura.

As investigações de ordem experimental e científica a que se entregou durante largo período apuraram-lhe o senso objetivo. O pensamento de Fedro — *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*, que usou como epígrafe de algumas memórias apresentadas à Academia das Ciências de Lisboa, foi o verdadeiro lema de sua vida, denunciando-lhe a conformação do espírito, levado menos pela curiosidade especulativa do que pela importância prática de problemas e fatos. Conformação de espírito que a educação apurou, pois, nele, o mineralogista eminente, capaz de caracterizar várias espécies minerais, novas, confundia-se com o trabalhador, com o operário: no estágio que fez em Freiberg “assentou praça de mineiro”.

De volta de uma longa excursão científica de dez anos por quase toda a Europa, cumulado de funções públicas em Portugal, tentou muito mais a José Bonifácio o desempenho de cargos, como o de Intendente Geral das Minas e Metais, em que poderia funcionar jazidas e empreender a exploração de novas, do que o de professor de Metalurgia da Universidade de Coimbra, confinado em estudos teóricos.

Sentia-se homem de ação, queria dedicar-se à atividade prática. Nessa tendência tão marcada em sua natureza, o estudioso da vida e das obras de José Bonifácio encontrará muitas vezes o segredo de certas atitudes políticas, por exemplo, do seu oportunismo nos dias preparatórios da Independência, do seu realismo, considerando menos favoravelmente como mero empirismo negativo. Apreciando-o sob essa face, um dos nossos mais honestos historiadores de idéias, que debaixo de outros aspectos lhe fez muita justiça, concedendo-lhe até o tratamento de grande homem, desfigurou-o enormemente neste injusto conceito: “na política impressionou-se também mais pelo lado meramente exterior dos acontecimentos.”

A demonstração do contrário, isto é, de que José Bonifácio considerou menos o aspecto externo dos fatos do que a sua significação íntima e profunda, ressalta do exame

mais demorado da participação que teve nos sucessos políticos entre 1821 e 1833 e da leitura de trabalhos como os que se enfeixam neste volume – a representação à Assembléia Constituinte sobre a escravatura, os apontamentos para a civilização dos índios, o manifesto de 6 de agosto de 1822 às nações amigas.

Bastante diferente de muitos dos seus contemporâneos, não se ateu a exterioridades, não se subordinou a figurinos políticos, não se deixou enlear por palavras. Daí o seu esforço para incutir em D. Pedro a noção do papel que devia representar, as suas idéias em favor de um governo que tivesse autoridade e não se reduzisse a simples sombra de poder, o seu monarquismo ortopédico para consolidar a unidade do Brasil, os conflitos e choques com os patriotas do Rio – Gonçalves Ledo, José Clemente, Januário – estes, sim, muito mais impressionados com o lado exterior dos sucessos, com os pregões do liberalismo europeu, com a moda, a forma, a estética das coisas políticas.

Nas lutas da Independência, ninguém teve uma visão mais penetrante dos acontecimentos. O ponto capital, a seu parecer, era impedir a desagregação do Brasil, manter coesas as províncias, dar remate à obra que fatores diversos, de natureza econômica e social, vinham elaborando. Nenhum instrumento lhe pareceu melhor do que o próprio príncipe-regente, para encabeçar um governo centralizador no Rio de Janeiro, que se opusesse à ação dissociadora das Cortes de Lisboa.

Tão pouco adstrito, em política, ao lado exterior dos acontecimentos, foi José Bonifácio que, tendo plantado, como asseverou, a monarquia no Brasil, não se moveu senão por considerações práticas, de oportunidade, imediatistas, e, diante do monarca, em meio de uma corte improvisada, continuou apenas um cidadão, uma figura tão humana na simplicidade de sua vida, como qualquer dos grandes líderes da independência norte-americana – recusando, quase como quem repele uma alcunha deprimente, o título de marquês, e rejeitando a grã-cruz da ordem do Cruzeiro como quem teme o ridículo de possuí-la, quanto mais de ostentá-la.

A demonstração do contrário, isto é, de que José Bonifácio considerou menos o aspecto externo dos fatos do que a sua significação íntima e profunda, ressalta do exame mais demorado da participação que teve nos sucessos políticos entre 1821 e 1833 e da leitura de trabalhos como os que se enfeixam neste volume – a representação à Assembléia Constituinte sobre a escravatura, os apontamentos para a civilização dos índios, o manifesto de 6 de agosto de 1822 às nações amigas.

Bastante diferente de muitos dos seus contemporâneos, não se ateu a exterioridades, não se subordinou a figurinos políticos, não se deixou enlear por palavras. Daí o seu esforço para incutir em D. Pedro a noção do papel que devia representar, as suas idéias em favor de um governo que tivesse autoridade e não se reduzisse a simples sombra de poder, o seu monarquismo ortopédico para consolidar a unidade do Brasil, os conflitos e choques com os patriotas do Rio – Gonçalves Ledo, José Clemente, Januário – estes, sim, muito mais impressionados com o lado exterior dos sucessos, com os pregões do liberalismo europeu, com a moda, a forma, a estética das coisas políticas.

Nas lutas da Independência, ninguém teve uma visão mais penetrante dos acontecimentos. O ponto capital, a seu parecer, era impedir a desagregação do Brasil, manter coesas as províncias, dar remate à obra que fatores diversos, de natureza econômica e social, vinham elaborando. Nenhum instrumento lhe pareceu melhor do que o próprio príncipe-regente, para encabeçar um governo centralizador no Rio de Janeiro, que se opusesse à ação dissociadora das Cortes de Lisboa.

Tão pouco adstrito, em política, ao lado exterior dos acontecimentos, foi José Bonifácio que, tendo plantado, como asseverou, a monarquia no Brasil, não se moveu senão por considerações práticas, de oportunidade, imediatistas, e, diante do monarca, em meio de uma corte improvisada, continuou apenas um cidadão, uma figura tão humana na simplicidade de sua vida, como qualquer dos grandes líderes da independência norte-americana – recusando, quase como quem repele uma alcunha deprimente, o título de marquês, e rejeitando a grã-cruz da ordem do Cruzeiro como quem teme o ridículo de possuí-la, quanto mais de ostentá-la.

A prova de que José Bonifácio não se contentava em política com o lado meramente exterior dos sucessos está na posição singular em que se colocou comparadamente com a de seus contemporâneos. Chegando ao Brasil depois de trinta e seis anos de ausência, veio encontrar a antiga colônia elevada à categoria de reino, sede da monarquia portuguesa e possuindo já todo o aparelhamento dos serviços públicos indispensáveis – secretarias, tribunais, repartições, estabelecimentos de ensino. Era a fachada de um novo Estado que se construía, uma vida nova que se desenvolvera ao impulso das medidas de ordem econômica tomadas por D. João – a abertura dos portos brasileiros ao comércio universal, a revogação do alvará de 5 de janeiro de 1785, que proibira indústria no Brasil, etc. Não tardou, com as repercussões da revolução do Porto de 1820, a erupção entre nós de um movimento emancipador e separatista, que culminou na proclamação de 7 de setembro de 1822. As idéias liberais em voga animaram esse movimento. A liberdade todas as liberdades foram decantadas. D. Pedro declarava aos mineiros: “vós amais a liberdade, que adoro-a”. Os mais ardentes patriotas clamavam por uma Constituição que haveria de conter, sem faltar um só, todos os direitos do homem, numa edição, se possível, correta e aumentada. Para os revolucionários mais sinceros isso era o suficiente. Tivesse o Brasil uma Constituição liberal, e tudo estaria resolvido. José Bonifácio, incontestavelmente homem de seu tempo, detestava o despotismo, queria também uma Constituição para o seu país. Mas não achava que só isso fosse necessário, nem acreditava que assim se resolvessem os problemas brasileiros. Estava de acordo com o que se estabelecesse um governo democrático, garantias constitucionais, sistema representativo. Não lhe bastava, entretanto, a organização política copiada do melhor modelo inglês, francês ou norte-americano: via a necessidade de uma reforma de estrutura, de um novo regime de propriedade de trabalho, de profundas alterações de natureza social e econômica. E enquanto todos ou quase todos os dirigentes do momento, em momento, em verdade impressionados de preferência pelo lado meramente exterior dos acontecimentos, julgavam possível, viável, natural a criação de um Império constitucional, sem adotar nenhuma medida quanto à escravidão, José Bonifácio para logo se convenceu que essa era a grande questão a enfrentar. Nesse pequeno livro figura, talvez como o melhor testemunho do seu pensamento vivo, a representação à Assembléia Constituinte sobre a proibição do tráfico dos negros e a emancipação dos escravos. É um documento de 1823, escrito no tumulto dos dias inquietos que se seguiram à declaração da Independência, mas em que se sentem o vigor, a segurança, a maturidade de idéias de havia muito assimiladas. Idéias que esposara ainda quando estudante em Coimbra e que à contemplação do espetáculo da sociedade brasileira, por ocasião da volta à pátria, mais se tinham fortalecido. Idéias que eram suas e de seus irmãos, e que lhes compensam erros e desvios porventura cometidos. Antes da representação à Assembléia Constituinte, José Bonifácio, mal chegado ao Brasil, na viagem mineralógica de pouco mais de cinco semanas que fez pelo território de São Paulo, em companhia de Martim Francisco, nos começos de 1820, tivera ensejo de

tomar contato com as misérias da sociedade escravocata. Em Itu preparava-se uma expedição para ir comprar índios Caiapós nas margens do Paraná, e os dois mineralogistas itinerantes não contiveram a sua repulsa: “a sorte daqueles índios, assim como a dos Guarapuavas, no distrito de Curitiba, merece toda a nossa atenção, para que não ajuntemos ao tráfico vergonhoso e desumano dos desgraçados filhos da África, o ainda mais horrível dos infelizes índios de quem usurpamos as terras...